

Breve Reflexão Acerca da Onipotência Divina

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Esta reflexão é baseada no instigante texto, designado como “Paradoxo da Pedra”, que foi proposto por uma senhorita, numa *Comunidade [Filosofante]* do *orkut* consagrada à divulgação deste *Site*. Ei-lo:

O paradoxo da pedra: solução ou contradição? Começemos por estrear esta comunidade com um assunto que tem sido amplamente usado como forma de negar um atributo de Deus: a ONIPOTÊNCIA! Em várias passagens que tive nos meios virtuais e reais, seja em comunidades do *orkut* ou discussões em blogs, vejo que esta proposição gera uma verdadeira polêmica: "Deus é Todo-Poderoso, sabe tudo, está presente em tudo e PODE tudo. Pode inclusive criar uma pedra tão pesada que nem ele mesmo pode levantar. 1) Se ele tem poder para criar tal pedra, logo ele não é onipotente, porque não conseguiria levantá-la; 2) Se ele consegue levantá-la, logo ele também não é onipotente, porque não conseguiu criar uma pedra tão pesada."

Apenas alguns apontamentos.¹ A palavra impossível, do latim *impossibilis*, tem como prefixo “in”, que significa “não”. Portanto, impossível é o que não é possível. Longe de nós querer impor esta “tautologia” aos leitores. De fato, o que é o possível? Sem entrar nas minúcias lógico-filosóficas deste termo, podemos dizer que *possibilis* vem de *possum*, que significa “poder”, “ser capaz de”. Entretanto, entranhado ao conceito de possível, está o de possibilidade [*possibilitatis*], que nos remete ao que é factível, ao que é exequível, e ao que é passível de perfeição [*perfectio*]= *totalmente feito*].

¹ Toda esta reflexão está baseada na *quaestio 25, articulus 3, da Prima Pars da Summae Theologiae* de Tomás de Aquino: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. I, 25, 3.

Por conseguinte, *possível*, a falar com exatidão, é o que é passível de ser feito, de ser realizado, e quem possui [*possídeo*] ou está de posse [*possessio*] de algum tipo de poder [*potentia*] para fazer ou realizar alguma coisa que seja realizável ou factível, é “*potentis*”, isto é, poderoso, “*perfectus*” porque é capaz de conferir perfeição. Daí as palavras *potentado* [*potentatus*] e *potestade* [*potestatis*] indicarem aquele que é poderoso, ou seja, aquele que detém o poder de arrematar, concluir. Entretanto, temos que determinar ainda o que é o poder.

Para esclarecer esta questão, os escolásticos distinguiam a potência passiva [*potentia passiva*], que é mera capacidade, da potência ativa [*potentia activa*], que é uma atividade, uma capacidade que se exerce, uma força atual, a qualidade que se tem para fazer ou agir com eficácia. Agora bem, quem possui todo o poder é onipotente [*omnipotens*], isto é, pode realizar todas as coisas passíveis de serem feitas: *omnes*= tudo e *potens*= poder. Onipotente – perdoe-nos a nova “tautologia” – é aquele para quem tudo o que é factível, é factível.

Mas o que é factível? Eis o ponto nevrálgico da questão que causou cipoais intermináveis entre os escolásticos. Em Tomás, para quem as regras do raciocínio refletem as regras do ser e da realidade, factível é toda proposição que não encerra nenhuma contradição interna entre o sujeito e o seu predicado. Por exemplo, é possível que Sócrates esteja sentado, pois estar sentado não aborrece a natureza do sujeito, Sócrates. No entanto, que Sócrates ou qualquer homem, permanecendo um homem, se torne um asno, é impossível, pois a essência do homem não admite tal predicado. Destarte, o que é impossível é absurdo, isto é, não pode nem sequer ser pensado ou dito com razoabilidade.

Agora bem, Deus pode fazer o impossível? Deveras, não! Por que lhe falta poder? Não, mas sim porque o impossível não pode, absolutamente, ser feito. O fato de Deus não poder fazer o impossível não implica que nEle haja qualquer imperfeição. Lembremos o significado do termo “possível”: possível é tudo aquilo que é factível, passível de perfeição, isto é, tudo aquilo que pode ser concluído e arrematado sem contradição e quem o realiza é dotado, sob certo aspecto, de uma perfeição maior, no sentido de que é capaz de comunicar alguma perfeição. Se Deus, por absurdo, pudesse fazer o impossível, longe de isto atestar-lhe a perfeição, tornar-se-ia, antes, o signo da sua imperfeição, o que realmente é impossível.

Desta feita, o fato de Deus ser onipotente, consiste, precisamente, nisto: sendo Ele ato puro [*actu puro*], ou seja, não tendo o seu ser limitação alguma

oriunda de nenhuma potência passiva, seu ser é infinito: *Esse divinum est esse infinitum*. Agora bem, “[...] como o termo ser designa um ato”² e como “[...] o agir segue o ser em ato”³, sendo Deus o *Ipsum Esse Subsistens*, Ele é *Ato Puro* e possui uma *potência ativa infinita*. Acerca da atividade divina, sintetiza com exatidão Mondin:

A atividade, a ação, é a fecundidade de um ente, e quanto maior for a atividade de um ser, maior é a sua fecundidade. Deus, enquanto pura entidade, libera ação sem cessar. O ser é o coração pulsante de qualquer ação. Em Deus o agir identifica-se com o seu ser justamente porque Deus é a entidade; é da sua entidade que vem a sua atividade. Não é o agir que cria o ser, como pretendiam os idealistas, mas é o ser que faz desabrochar constantemente o agir. A entidade constitui Deus estavelmente no reino do agir: Deus é ação, Deus é atividade. Deus não é inerte, não está no ócio, a contemplar eternamente o seu ser. É, antes, uma central nuclear constantemente em ação. Deus é espírito que se doa e se comunica. Deus é vida fecunda que não cessa jamais, propaga-se sem parar, e faz tudo isso sem precisar de uma multiplicidade de atos. Deus desenvolve a sua variadíssima e infinita atividade com um só ato: o ato eterno da sua entidade.⁴

Ademais, sendo o *Esse Subsistens*, Deus contém em si toda a perfeição do ser [*prae habens in se totius esse perfectionem*]. Desta sorte, como *Ipsum Esse Subsistens* e *Ato Puro de Ser*, Ele possui uma *potência ativa infinita*, isto é, capaz de realizar todos os possíveis absolutos (*possibilibus absolutis*), ou seja, tudo aquilo que cai sob a razão de ente [*quidquid potest habere ratione entis*]. E’ o que diz Mondin com meridiana clareza:

A raiz última do poder está no ser, pois o ser está na origem de todo ato e de toda perfeição, de toda grandeza e de todo valor. À luz dessas considerações fica óbvio que Deus, que é o máximo no ser, no espírito e no valor, é o máximo também no “poder”.⁵

² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. I, XXII, 4 [208].

³ *Idem. Ibidem*. III, LXIX, 15 [2450].

⁴ MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. p. 310.

⁵ *Idem. Op. Cit.* pp. 326.

Deus é a suma perfeição, embora o termo perfeito caiba a Deus somente por transposição. De fato, o termo perfeito designa aquilo que foi feito, concluído, levado a ato. Ora, Deus não foi feito e nem houve um “antes” em que se pudesse dizer que Ele esteve em potência ou um “depois” em que se pudesse dizer que Ele passou a estar em ato. Deus é eterno, imóvel, imutável, e perfeito somente no sentido de que a Ele nada falta, visto que é ato puro.⁶

Em relação ao exemplo da pedra, ele é duplamente absurdo, seja qual for a sua formulação, pois supõe que Deus criasse ou fizesse algo impossível, a saber, uma pedra tão pesada que Ele mesmo não pudesse carregar ou que Ele não pudesse criar tal pedra por ausência de poder. Absurdo porque incompatível com a natureza da pedra e com a natureza divina. Deus, na hipótese ventilada, teria que realizar uma ação absolutamente irrealizável, visto que pautada num precedente absurdo: criar uma pedra mais potente do que Ele. Ora, isto violentaria a própria natureza criatural da pedra. Além disso, o fato mesmo de Ele não poder realizar esta ação, longe de atestar carência de poder em Deus, atesta, ao contrário, que Deus é o que é: o *Ipsum Esse Subsistens*, que não pode agir contra si mesmo e nem, conseqüentemente, contra as leis do ser que Ele próprio estabeleceu, sendo o *Ipsum Esse Subsistens*. Novamente, no que concerne ao poder de Deus, cedemos à bela síntese de Mondin, o remate:

Nele [em Deus], como há perfeita identidade de vida e ser, de verdade e ser, de beleza e ser, de espírito e ser, há também perfeita identidade de poder e ser, de poder e verdade, de poder e beleza, de poder e bondade, de poder e espírito, de poder e valor: a força de Deus é absoluta e reflete-se em todos os atributos divinos. Por isso, a força de Deus não é uma força cega, como também não é cega sua liberdade ou sua bondade. Na face de Deus não vislumbramos um poder violento e brutal, mas um poder iluminado pela sabedoria, pela verdade, pela inteligência, pela beleza, pelo amor.⁷

Portanto, o paradoxo posto é pueril [pueris=infantil], para não dizer inexistente.

⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 4, 1, ad. 1.

⁷ MONDIN. *Op. Cit.* pp. 326 e 327. [O colchete é nosso]

BIBLIOGRAFIA

MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.